

...com Barbara Fiand

“Estamos descobrindo atualmente que essa separação é ilusória, e que quando nos identificamos com base nas diferenças pertinentes à nossa espécie, nos tornamos cegos à realidade da nossa unicidade com o todo.”



*Gerome Kamrowski, "Energia Remota"
2002 Cortesia da Weinstein Gallery, San Francisco, Califórnia*





“Impelidos pela força do amor, os fragmentos do mundo buscam um ao outro para que o mundo possa vir a existir.”

[Pierre Teilhard de Chardin, “O Fenômeno Humano”]

Enunciado da Diretriz do Capítulo Geral de

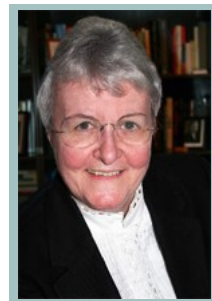
Paz e bem! A todos vocês que estão visitando o nosso site pela primeira vez, nossas boas-vindas!

Gostaríamos que soubessem que a expressão ‘Capítulo Geral’ significa um tempo sagrado, designado para reunir representantes de uma congregação religiosa a fim de identificar e escolher conjuntamente as suas diretrizes para os anos seguintes. É também um período de profundo discernimento orante, em comum. Em termos leigos, o Capítulo Geral seria um tipo de ‘retiro para visionar o futuro’. Concebemos esta publicação para explorar mais profundamente o significado da diretriz do nosso Capítulo Geral de 2008: **“Gerar compaixão e esperança na comunidade da vida”**.

Aqui vai o segundo número destas CONVERSÇÕES, em que entrevistamos Irmã Barbara Fiand, da Congregação Notre Dame de Namur, que tem escrito extensamente sobre como as novas descobertas da ciência afetam a nossa espiritualidade.

Convidamos cada visitante a usar esta CONVERSAÇÃO e fazer o exercício espiritual no final desta entrevista, para sua própria oração e reflexão.

Esperamos que visitem nosso site frequentemente. Queremos convidá-los a se unirem conosco na nossa missão de gerar compaixão e esperança na comunidade da vida. Queira partilhar com seus amigos e colaboradores a boa nova desta publicação.



Barbara Fiand

Irmã Tiziana Merletti, sfp
Ministra Congregacional
e Conselho

Barbara, na primeira das nossas CONVERSAÇÕES, você nos explicou o significado da “comunidade da vida”. Gostaríamos agora que aprofundasse sua compreensão do dualismo entre o espírito e a matéria.

Nesta nossa segunda reflexão procuraremos concretizar alguns conceitos que poderão ter parecido um tanto complicados e enigmáticos na nossa primeira entrevista. O que parece ser mais difícil de comentar e ainda mais de experimentar pessoalmente com relação ao conceito da “comunidade da vida” é a necessária mudança da nossa antiga visão de mundo, porque apesar de influenciar cada uma das

“Todo dualismo procura compreender as coisas por meio da diferenciação: separando-as, analisando-as e definindo-as.”

nossas ações, nossa visão de mundo é, em grande parte, inconsciente. Na última CONVERSAÇÃO refletimos sobre o dualismo em que se baseia a compreensão que o mundo ocidental teve de si mesmo por cinco mil anos, ou mais. O suporte racional desse dualismo surgiu durante o período helenístico – particularmente através de Platão e Aristóteles – sendo adotado pelo cristianismo durante os primeiros anos de sua atividade

missionária no mundo greco-romano.

Todo dualismo procura compreender as coisas por meio da diferenciação: separando-as, analisando-as e definindo-as. Toda vez que definimos alguma coisa, enfatizamos a sua singularidade. Estabelecemos limites ao seu redor. (Aliás, “definir” significa “determinar um limite” .) Naturalmente, ao defini-las, passamos a ver as coisas separadas umas das outras e, mais ainda, de nós mesmos. O que nos leva quase que automaticamente a fazer comparações – a considerar algumas coisas melhores ou piores do que as outras. Numa visão de mundo dualista é natural considerar a espécie humana como sendo superior às demais. Nos vemos no direito de dominar e controlar aqueles que consideramos inferiores a nós e menos inteligentes.



Kate Austin, “Presença da Luz”

Desde que os antigos filósofos gregos dividiram tudo entre o mundo do **espírito** (permanente, confiável, livre da morte e da decomposição) e o mundo da **matéria** (sempre cambiante, não confiável, sujeito à morte e à deterioração), a compreensão de si mesmo enquanto pessoa levou o ser humano a dividir-se interiormente em **alma** e **corpo**. Nos vimos como seres possuidores de um aspecto superior e de outro inferior dentro da nossa própria natureza. A alma devia ser honrada e cultivada, enquanto que

o corpo devia ser controlado, castigado e até mesmo desprezado.

À medida que a cultura humana foi progredindo com o passar dos séculos, a lacuna entre a matéria e o espírito, entre o corpo e a alma, foi aumentando. Aquele que passou a ser conhecido como “o mundo secular” enfatizava a primazia da matéria (o materialismo) e o universo mecanicista. Nesse mundo secular encontramos a perspectiva científica mundial que mencionamos no primeiro número de CONVERSÇÕES. Já a perspectiva religiosa, enfatizava a primazia do espírito. Inicialmente, devido ao poder político papal, essa perspectiva dominava inclusive o pensamento científico. Mas, gradualmente, sobretudo durante o Renascimento e por

último, a Modernidade, a ciência foi separada do domínio religioso e assim esses dois partidos passaram a se olhar mutuamente com suspeita e desdém.

A religião manteve a primazia do espírito. Quanto mais próximo o modo de viver de uma pessoa estivesse do âmbito espiritual, mais alto ela poderia se considerar na escala da perfeição. O medo do próprio corpo, com seus anseios e apetites, muitas vezes conduziu as pessoas a odiá-lo e a sentir aversão por ele. A maior parte da literatura religiosa do passado estimulava essa linha de pensamento. A geral ansiedade com relação à sexualidade e a conseqüente misoginia dominante no cristianismo (e também no islamismo) se fundamentam nesse dualismo. A superioridade da vida religiosa e do sacerdócio sobre a vida matrimonial, a ênfase em atos de mortificação da carne visando controlar impulsos físicos, o horror à nudez nas artes, e mesmo o desdém para com o trabalho braçal, do qual devemos nos abster o quanto possível um dia por semana, são atitudes arraigadas no abismo criado pela visão dualista do mundo.



Mark Rothko, *Sem Título*, 1951

Aparentemente, estamos sendo chamados a despertar, porque essas separações não existem e nós precisamos mudar a nossa visão de mundo. As consequências dessa mudança são imprevisíveis, mas é ela que nos leva a ter esperança e a sentir compaixão.

Como mencionamos no primeiro número de CONVERSAÇÕES, a visão quântica do mundo transcende a divisão entre o espírito e a matéria, considerando ambas como sendo arraigadas no cerne da criação. Inter-relacionamentos e comunicações entre todos os aspectos da criação em parceria uns com os outros negam as noções de primazia e dominação. Cada faceta da realidade depende de todas as outras. O equilíbrio dos sistemas ecológicos requerem essa interconexão e inter-dependência. Não somente cada parte de nós é sustentada pelas outras partes do corpo e da mente, como também cada pessoa, como um todo, é interconectada ao inteiro organismo do universo e às suas partes, delas recebendo e a elas oferecendo suporte. Estamos descobrindo atualmente que essa separação é ilusória, e que quando nos identificamos com base nas diferenças pertinentes à nossa espécie, nos tornamos cegos à realidade da nossa unicidade com o todo.

“Essa visão de mundo que está emergindo é holística e a espiritualidade que desponta dessa perspectiva fala da integridade tanto dentro de nós mesmos como externamente . . .”

Nossa identidade humana, neste Século XXI, será definida mediante o reconhecimento daquilo que temos em comum com as outras espécies. Aquilo que todos partilhamos é que nos dá o sentido da nossa realidade e nos liga em amor e união. Essa visão de mundo que está emergindo é holística e a espiritualidade que desponta dessa perspectiva fala da integridade tanto dentro de nós mesmos como externamente, com relação à comunidade mais ampla – a comunidade global, a comunidade das nações, das culturas, das religiões – e, mais ainda, em relação ao conjunto de todas as espécies, na comunidade da vida.

Além disso, os dados atuais da pesquisa nos campos da física e da biologia alteram de modo considerável a nossa atitude não somente com relação ao nosso próprio corpo como também para com a vida vegetal e animal. Enquanto nos víamos como seres

separados e superiores aos outros, nos comportávamos como quem fazia algo “pelos” outros; mas hoje sentimos emergir a sensação de fazer as coisas “com” os outros. A medicina holística atua em sintonia com o corpo. Ela nos ajuda a canalizar as energias naturais do corpo. Ajuda-nos a facilitar a nossa interconexão com os outros campos energéticos que nos circundam, isto é, não somente a energia entre quem cura e o paciente que é curado, mas também entre todos os outros níveis da existência – com a energia cósmica, com o poder de cura espiritual (a comunhão dos santos) e com a energia de Cristo no universo.

A maneira como tratamos os animais e as plantas também envolve nutrirmos os poderes envolvidos na nossa cooperação com essas criaturas e não naquilo que fazemos “por” elas ou “contra” elas. Hoje compreendemos que explorar as criaturas da terra pensando somente no **nosso** benefício pessoal, sem nenhuma consideração para com o bem-estar das mesmas – **utilizando-as como fonte de alimentação** (muitas vezes de modo excessivo, por meios desumanos de tratamento, manutenção e abate), ou somente **utilizando-as como fonte de prazer** (porque nos dão peles, ou marfim, ou como divertimento esportivo em competições, ou como animais de circo, ou de jardim zoológico) – constitui violência e degradação, provocando um campo de negatividade que afeta não somente a vida dessas criaturas, como também a nossa própria vida.

PERGUNTAS PARA SUA REFLEXÃO

1) Criar um ambiente de compaixão e esperança na comunidade da vida, o que requer de nós um SENSO da perspectiva holística que acabamos de considerar. Para isso poderá ser útil para nós – mediante a meditação – aprofundarmos a nossa apreciação e um senso do nosso próprio corpo, perguntando cada um(a) a si mesmo(a): “Será que eu TENHO um corpo, ou será que eu SOU o meu corpo?” TER um corpo faz dele uma propriedade minha e me separa do mais profundo de mim mesmo(a), enquanto que SER meu corpo me conecta com aquele(a) que eu sou, no contínuo físico e mental, o que me faz sentir à vontade comigo mesmo(a), como um todo. Meu corpo não é uma COISA que vou carregando comigo. Meu corpo é o meu MEIO de viver no mundo.

Através da meditação, percebo que ser plenamente um corpo capaz de sentir

promove a minha integridade e também a minha compaixão para com todos os outros seres vivos sobre a terra, junto a mim.

O que percebo ao meditar sobre como me tornar mais compassivo/compassiva? Como eu poderia exprimir essa compaixão?

2) Olhar as outras criaturas à nossa volta – todas elas, não somente aquelas que preferimos – e procurar sentir um jeito de SER junto a elas, em parceria com elas sobre a terra, é o grande dom de Francisco para todos nós.

Passar alguns momentos refletindo sobre essas perguntas. Este exercício de reflexão foi estimulante para você? De que modo?

Gostaríamos de incluir seus comentários e reflexões no nosso site. Queira acessar a página [Conversações na seção Publicações do site](#) e clicar “[Livro de Visitas – Partilhar seus Comentários](#)” para responder. Aguardamos sua resposta e agradecemos.





. . . CONVERSÇÕES

Irmãs Franciscanas dos Pobres

133 Remsen Street • Brooklyn, NY 11201 • tel: 718-643-1919 • fax: 718-643-9710 • www.franciscansisters.org